

# O ENSINO DA ARTE NO DESENVOLVIMENTO CULTURAL DO ALUNO



## THE TEACHING OF ART IN THE CULTURAL DEVELOPMENT OF THE STUDENT

### ANDREZA PEREIRA RODRIGUES DOS SANTOS

Graduada em Pedagogia pela Faculdade UNISAN – Centro Universitário (2021); Professora de Ensino Fundamental da Rede Municipal de São Paulo.

### RESUMO

O objetivo deste presente estudo é levar o conhecimento da arte para os alunos e professores, um aprendizado prazeroso que comece desde a infância e que atinge até os jovens, pois desde muito pequena a criança participa de práticas sociais e culturais dentro de sua família, no seu meio, ou seja, no seu cotidiano. O professor deverá levar o aluno ao conhecimento estético e artístico. Mostra-se também neste estudo o que poderá ser utilizado como material de pesquisa para um projeto em arte. Também material para se trabalhar a percepção das formas e elementos que mostre a textura, que faz parte da natureza, materiais produzidos pelo homem, objetos do seu cotidiano. É importante enfatizar que a principal tarefa do professor é auxiliar o desenvolvimento dessas observações e percepções das crianças, mantendo vivo a cada dia, o interesse pela arte e adquirindo posicionamento mais crítico. De acordo com pesquisas conclui-se que arte também pode ajudar o aluno na escolha de uma carreira artística, pois existem muitas profissões que chamam a atenção dos jovens, mas é preciso que o professor esteja orientando esse aluno para que ele faça a escolha certa da área profissional em que se deseja atuar. A arte também poderá ajudar o professor a trabalhar com outras matérias, levando assim o aluno a compreendê-las de forma mais significativa, aumentando a capacidade de raciocínio. Chamar também a atenção para o significado que a arte tem para a cultura brasileira. Sendo assim incluirá esse aluno em nossa sociedade com um vasto conhecimento artístico.

**Palavras-chaves:** Arte; Conhecimento; Professor; Cultura; Cotidiano.

## ABSTRACT

The objective of this study is to bring knowledge of art to students and teachers, a pleasurable learning experience that begins in childhood and extends to young people, since from a very young age children participate in social and cultural practices within their families and their environment, that is, in their daily lives. The teacher should guide the student towards aesthetic and artistic knowledge. This study also shows what can be used as research material for an art project. It also presents material for working on the perception of forms and elements that show texture, which is part of nature, materials produced by man, and objects from their daily lives. It is important to emphasize that the teacher's main task is to assist in the development of these observations and perceptions in children, keeping alive each day the interest in art and acquiring a more critical stance. According to research, it is concluded that art can also help students choose an artistic career, as there are many professions that attract young people, but it is necessary for the teacher to guide the student so that they make the right choice of the professional area in which they wish to work. Art can also help the teacher work with other subjects, leading the student to understand them more meaningfully and increasing their reasoning skills. It also draws attention to the significance of art for Brazilian culture. In this way, it will include the student in our society with a vast artistic knowledge.

**Keywords:** Art; Knowledge; Teacher; Culture; Daily life.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema O ensino da Arte para o desenvolvimento cultural do aluno, cuja problematização é: De que forma o professor poderá mostrar e ensinar as artes para os alunos?

O professor deverá conhecer primeiro a história arte, para saber o que irá ensinar para os alunos, fazer com que o aluno compreenda que os trabalhos de artes não existem isoladamente, mas se relacionam com ideias e tendências de uma determinada época e localidade. O professor precisará criar formas para ensinar os alunos, a perceberem as qualidades das formas artísticas.

A arte é importante, pois desenvolve o pensamento artístico, a percepção estética, o aluno desenvolve sua sensibilidade e imaginação tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por eles, pelos colegas de classe, pela natureza e pelo trabalho de artistas de diferentes culturas.

Há certas confusões que se emaranham na cabeça dos professores. Os professores têm na cabeça o movimento e o princípio da nova escola. A realidade, porém, não oferece aos professores condições para instaurar a escola nova, porque a realidade em que atuam é o tradicional.

Moacir Gadotti, no seu livro “Perspectivas atuais da educação”, diz que devemos evitar novos erros para progredir sempre, acertando, interiorizando valores positivos que se devem tornar naturais em nossa maneira de ser.

Acredita-se em mudanças, é dever do pedagogo e o educando acreditar num aprendizado novo que possa suprir as necessidades de cada aluno. Vivemos num país com tantas desigualdades sociais, miséria, fome doenças, famílias desestruturadas, cheias de carências afetivas. A escola seria um ponto de partida para que haja uma sociedade cheia de culturas.

O educador tem o compromisso de levar o conhecimento da arte de outras culturas, pois sendo assim, o educando poderá compreender a relatividade dos valores que estão enraizados no seu modo de agir e pensar, levando o aluno valorizar o que lhe é próprio e reconhecer as riquezas e as diversidades da imaginação humana.

O aluno que exercita sua imaginação estará mais habilitado para construir um texto, ou até mesmo resolver um problema matemático.

A arte solicita a visão, a escuta e os demais sentidos como porta de entrada para a compreensão das questões sociais, pois a arte também está nas profissões que são exercidas em diversos ramos de atividades, sendo assim, a arte é necessária no mundo do trabalho, pois faz parte do desenvolvimento profissional de cada cidadão.

O professor deve mostrar atividades artísticas para os alunos, não apenas em festividade escolares, datas comemorativas, festas de final de ano, mas a todo momento não desperdiçando as oportunidades que lhe vier.

Reconhecer que a função do educador é auxiliar no processo de ensino-aprendizagem, ajudar o aluno a se inserir na sociedade numa nova perspectiva de ensino.

## **COMO O PROFESSOR DEVE COMPREENDER E SABER IDENTIFICAR A ARTE**

Nas escolas de Educação Infantil e de Ensino Fundamental, a organização do trabalho de professores e de estudante com a arte implica necessariamente a explicitação, do que se entende por arte e por sua presença nas aulas ou cursos destinados ao estudo dela.

Quando praticamos o ensino e a aprendizagem da arte na escola surgem questões que se referem ao processo educacional. Se pretendemos contribuir para a formação de cidadãos conhecedores da arte, é preciso organizar propostas de modo que a arte esteja presente nas Aulas de Arte e se mostre com significado na vida das crianças e dos jovens. Ana Mae diz que:

(...) antes de ser preparado para explicar a importância da arte na educação, o professor deverá estar preparado para entender e explicar a função da arte para o indivíduo e a sociedade.

O papel da arte na educação e grandemente afetado pelo modo como o professor e o aluno veem o papel da arte fora da escola. (...)

A arte não tem importância para o homem somente como instrumento para desenvolver sua criatividade, sua percepção, etc., como objetivos de estudos (BARBOSA, pp. 90 e 113).

Primeiramente, é a importância devida à função indispensável que a arte ocupa na vida das pessoas e da sociedade desde os primórdios da civilização, o que a torna um dos fatores essenciais de humanização. O fundamental, portanto, é entender que a arte se constitui de modos específicos de manifestação da atividade criativa do mundo em que vivem, ao se conhecerem e ao conhecê-lo.

Para reconhecer e melhorar a compreensão que temos sobre arte e sua história bem como sobre as influências culturais aí presentes, é necessário assumirmos uma disposição atenta e um gradativo aprofundamento dos conhecimentos sobre as práticas artísticas. É preciso perceber e analisar de que maneira as inter-relações artísticas e estéticas veem ocorrendo ao longo do processo histórico-social da humanidade e como tais relações culturais mobilizam valores, concepções de mundo, de ser humano, de gosto e de grupo sociais.

A arte mobiliza nossas práticas culturais mostrando as múltiplas visualidades, sonoridades, falas, movimentos, cenas, desde a nossa infância, que procuramos entender como a produzimos e interpretamos. A arte pode nos ajudar a conhecer e reconhecer manifestações e interferências em nossas vidas. Precisamos ter oportunidade para perceber analisar e conversar, por exemplo sobre as nossas escolhas, de formas, cores, nossa admiração, por certas músicas ou o nosso gosto por certas cenas, objetos artísticos pelas pessoas que os produzem.

O trabalho com a arte na escola tem uma amplitude limitada, mas ainda assim há possibilidades dessa ação educativa ser quantitativa e qualitativamente bem-feita, portanto, o professor precisa encontrar condições de aperfeiçoar-se continuamente tanto em saberes artísticos e sua história, quando em saberes sobre a organização e o desenvolvimento do trabalho educação escolar em arte.

Para a realização de cursos de Arte com qualidade, Libâneo relata que:

Não é suficiente dizer que os alunos precisam dominar os conhecimentos, é necessário dizer como fazê-lo, isto é, investigar objetivos e métodos seguros e eficazes para assimilação dos conhecimentos.

(...) O ensino somente é bem-sucedido quando os objetivos do professor coincidem com os objetivos de estudo do aluno e é praticado tendo em vista o desenvolvimento das suas forças intelectuais. (...)

Quando mencionamos que a finalidade do processo de ensino é proporcionar aos alunos os meios para que assimilem ativamente os conhecimentos é porque a natureza do trabalho docente é a mediação da relação cognoscitiva entre o aluno e as matérias de ensino (LIBÂNIO, 1991, pp. 54 – 5)

Na escola os objetivos educacionais em arte a serem alcançados seriam o aperfeiçoamento de saberes, pelos alunos (com ajuda dos professores), sobre o fazer e o pensar artístico e estético. Os

conteúdos programáticos em arte devem incluir, portanto: as noções a respeito da arte produzida e em produção pela humanidade, inclusive nos dias de hoje (incluindo artistas, obras, espectadores, comunicação deles) e a própria autoria artística e estética de cada aluno (em formas visuais, sonoras, verbais, corporais, cênicas, audiovisuais). Isto significaria trabalhar com os estudantes o fazer artístico (em desenho, pintura, gravuras, modelagem, escultura, música, dança, teatro, vídeo, etc.) sempre articulado e complementado com as vivências culturais.

Para as crianças e os jovens é muito importante que o professor conheça e saiba organizar a graduação dos assuntos no âmbito do fazer e apreciar a arte, como também propor atividades que propiciam vivências de ensino e aprendizagem. O professor deve estar atento as características da faixa etária, interesses e “direitos” culturais artísticos de seus alunos no mundo contemporâneo. Ele seria o mediador de conhecimentos em arte durante os cursos, e articulador das vivências dos estudantes como novos saberes a serem aprendidos.

Para desenvolver bem as aulas o professor que está trabalhando com a arte deve sequenciar atividades pedagógicas que ajudem o aluno a aprender a ver, olhar, ouvir, pegar, sentir, comparar os elementos da natureza e as diferentes obras artísticas do mundo cultural deve contribuir para o aperfeiçoamento do aluno.

Vicent Lanier (1984), enfatiza que o professor deve assumir em suas aulas um conceito central forte, vinculado a referências artísticas, e que sua principal finalidade deve ser a evolução do domínio dos procedimentos estéticos. Para repensarmos e realizarmos cursos de Arte na escola, ele ainda nos lembra que:

Evidentemente, cada aluno em particular – criança ou – adulto terá seus próprios interesses estéticos, ponto a partir do qual pode ser levado para um envolvimento mais amplo. Para um poderá ser a colcha da vovó, para outro, posters de artistas. Devemos explorar esses interesses pessoas. Entretanto, os currículos são normalmente planejados para grupos e não para indivíduos e, portanto, é importante identificar ou prever aquelas artes populares que podem servir de interesse da juventude (...) contudo, mesmo o mais contemporâneo conteúdo de curso não irá garantir o tipo de crescimento que nossa ideia de “ conceito central forte” sugere, se não estiver implementado por procedimentos adequados em sala de aula. Se reproduzimos o currículo de Arte ao bordado, produção de filmes ou – teips, desenho ou recriação de espaços urbanos, produção de histórias em quadrinhos, em suma desenvolvendo todas essas atividades de ateliê, de que os professores gostam muito, mesmo incluindo o folclore, a arte popular e a mídia, o mais provável é que nossos alunos estarão essencialmente limitados no crescimento e poderíamos provocar neles. (LANIER, 1984, pp. 6-7)

Lanier nos chama atenção para a necessidade de garantir sempre a presença da arte nos cursos e aulas de Arte que desenvolvemos com os estudantes. Ele nos lembra que nessas aulas não basta praticarmos apenas exercícios soltos de fazer desenhos, pinturas, gravuras, modelagem dentre outros. Essas atividades em várias modalidades artísticas devem vincular-se a um projeto educativo na área.

É preciso que “avaliemos, o mais objetivamente possível tudo aquilo que fazemos na sala de aula, e que reorientemos nossa conduta numa direção que trate mais especificamente da aprendizagem em arte do que desenvolvimento pessoal de qualidade não necessariamente relacionados com a arte” (LANIER, 1984, p.7). É o conhecimento em arte e sua elaboração que deverá mobilizar cotidianamente o nosso caminhar com a formação estética junto a criança e jovens da escola.

## **A HISTÓRIA DA ARTE QUE TEMOS E CONHECEMOS**

No Brasil, por exemplo foram importantes os movimentos culturais na correlação entre arte e educação desde o século XIX. Eventos culturais e artísticos, como a criação da Escola de Belas Artes no Rio de Janeiro e a presença da Missão Francesa e de artistas europeus de renome definiram nesse século a formação de profissionais de nível institucional. No século XX, a Semana de 22, a criação de universidades (anos 30), o surgimento da Bienais em São Paulo à partir de 1951, os momentos universitários ligados a cultura popular (anos 50 e 60), da contracultura (anos 70), a constituição da Pós-Graduação em ensino de arte e a mobilização profissional (anos 80), vem acompanhando o ensino artístico desde sua introdução até sua expansão por meio da educação formal e de outras experiências (em museus, centros culturais, escolas de arte, conservatórios, etc.).

Dentre as mais relevantes interferências sociais e culturais que marcaram o ensino e aprendizagem artísticos brasileiros, podemos destacar:

- a) Os comprometimentos do ensino artístico (desenho) visando a preparação para o trabalho (operários), originado no século XIX;
- b) O caos, os conflitos, os tecnicismos e a dependência cultural delineados no ensino de arte após a implantação de Educação Artística nas escolas brasileiras na década de 70 (Lei de Diretrizes e Bases 5692/71);
- c) A retomada de movimentos de organizações de educadores (principalmente as associações de arte) desde o início dos anos 80;
- d) A discussão e a luta para inclusão da obrigatoriedade de Arte na escola e redação da Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, após a constituição de 1988;
- e) As novas concepções estéticas e tendências da arte contemporânea modificando os horizontes artísticos e conseqüentemente a docência em arte;
- f) A elaboração do Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte pela Secretaria de Ensino Fundamental do MEC em 1997/98 e o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, em 1998.

Sabe-se que há uma certa preocupação com a educação em arte por parte de professores, pesquisadores, artistas; onde eles têm procurado fundamentar e intervir nessas práticas educativas. No Brasil, desde o final dos anos 80, tem se divulgado inúmeros trabalhos artísticos, tanto aqueles elaborados aqui quando os de outros países. São propostas que refletem atuações em arte e são baseadas:

- Nas necessidades psicológicas dos alunos ou em suas necessidades e problemas ambientais, comunitários e sociais;
- Nas articulações dos atos perceptivos e verbalizadores dos alunos com base da experiência estética;
- As necessidades de mudanças da formação do educador em arte, visando a melhoria da qualidade de escolarização, desde a infância.

Podemos dizer que a história que consideramos é, portanto, aquela que está sendo desenvolvida por professores e alunos em suas práticas e teorias pedagógicas.

## **AS TEORIAS PEDAGÓGICAS EM ARTE**

Com a criação da Academia Imperial de Belas Artes no Rio de Janeiro, em 1816, tivemos a instalação oficial do ensino artístico, seguindo os modelos similares europeus; nessa época a maior parte das Academias de Arte da Europa procurava atender à demanda de preparação e habilidades técnicas e gráficas, consideradas fundamentais à expansão industrial. Aqui como na Europa, o desenho era considerado a base de todas as artes, tornando-se matéria obrigatória nos anos iniciais de estudo da Academia Imperial. No ensino primário o desenho tinha por objetivos desenvolver também essas habilidades técnicas e o domínio da racionalidade. Nas famílias mais ricas as meninas permaneciam em suas casas onde eram preparadas com aulas de músicas, bordado entre outras.

## **A PEDAGOGIA TRADICIONAL**

Nas primeiras décadas no século XX, o ensino de arte no caso o desenho, continuou a se apresentar como sentido utilitário de preparação técnica para o trabalho. Na prática, o ensino de desenho nas escolas primárias e secundárias fazia analogias com o trabalho, valorizando o traço, o contorno e a repetição de modelos de desenhos de ornatos (enfeites), a cópia e o desenho geométrico visavam à preparação do estudante para a vida profissional. Nas Escolas Normais os cursos de desenhos, incluíam ainda o “desenho pedagógico”, onde os alunos aprendiam esquemas de construções gráficas para “ilustrar” as aulas.

Os professores seguem essa “pedagogia tradicional” que permanece até hoje, encaminhavam os conteúdos através de atividades que seriam fixadas pela repetição e tinham por finalidade exercitar a vista, a mão, a inteligência, a memorização, o gosto e o senso moral. O ensino tradicional está interessado principalmente no produto do trabalho escolar e a relação professor e aluno mostra-se bem mais autoritária.

A partir dos anos 50, além do desenho, passaram a fazer parte do currículo as matérias como Música, Canto Orfeônico e Trabalhos Manuais que mantinham de forma o caráter e a metodologia do ensino artístico. O ensino e a aprendizagem de arte centravam-se apenas na “transmissão” de conteúdos

reprodutivistas. O conhecimento continua centrado no professor, que procura desenvolver em seus alunos também habilidades de precisão, organização e limpeza.

## **A PEDAGOGIA NOVA**

A Pedagogia Nova, também conhecida como Movimento da Escola Nova, tem suas origens na Europa e Estados Unidos (século XIX), sendo que no Brasil surgiu a partir de 1930, e a se propagar a partir dos anos 50 e 60 com as escolas experimentais. A preocupação como método, com o aluno, seus interesses, sua espontaneidade e o processo de trabalho caracterizavam uma pedagogia experimental, fundamentada na Psicologia e na Biologia.

Vários autores se destacaram na Tendência da pedagogia Nova. Entre eles se destacaram John Dewey (a partir de 1900) e Viktor Lowenfeld (a partir de 1939), dos Estados Unidos, e Hebert Read (a partir de 1943) da Inglaterra. Read contribuiu para a formação de um movimento mais significativo do ensino artístico. Influenciado por esse movimento no Brasil, Augusto Rodrigues liderou a criação de uma “Escolinha de Arte”, no Rio de Janeiro (em 1948) estruturada nos moldes e princípios da Educação através da Arte, ele dizia o seguinte:

Estava muito preocupado em liberar a criança através do desenho e da pintura. Comecei a ver que o problema não era esse, era um problema muito maior, era ver a criança e a relação professor – aluno, a observação do comportamento delas, o estímulo e os meios para que elas pudessem, através das atividades, terem um comportamento mais criativo, mais harmonioso.

As crianças vinham cada vez mais, e as idades eram mais diferentes. Felizmente, tinham duas coisas muito positivas para um começo de experiências no campo de educação através de uma escola. A experiência era feita em campo aberto e a diferença de idades, também foi outra coisa fundamental para que pudesse entender, um pouco, o problema da criança e o da educação através da arte. Deveríamos ter um comportamento aberto, livre com a criança, uma relação em que a comunicação existisse através do fazer e não do que pudessemos dar como tarefa ou como ensinamento, mas através do fazer e do reconhecimento da importância do que era feito pela criança e da observação do que ela produzia. De estimulá-la a trabalhar sobre ela mesma, sobre o resultado último, desviando-a, portanto, da competição e desmontando a ideia de que ali estavam para ser artistas (RODRIGUES, 1980, p.34).

As palavras de Augusto Rodrigues poderiam resumir as ideias da Escola Nova, que via os alunos como ser criativo, a quem se devia oferecer todas as condições possíveis de expressão artística, supondo-se que assim, ao “aprender fazendo”, saberiam fazê-lo, também cooperativamente na sociedade.

## **A PEDAGOGIA TECNICISTA**

A Pedagogia Tecnicista, presente ainda hoje, teve suas origens a partir da segunda metade do século XX, no mundo, e a partir de 1960 e 1970, no Brasil.

Nesta pedagogia, o aluno e o professor, ocupavam uma posição secundária, porque o elemento principal é o sistema técnico de organização da aula e do curso. Orientados pôr uma concepção mais mecanicista, os professores brasileiros entendiam seus planejamentos e planos de aulas centrados apenas nos objetivos que eram realizados de forma minuciosa. Pode-se dizer que faz parte deste contexto tecnicista o uso de recursos tecnológicos e audiovisuais, sugerindo uma “modernização” de ensino. Nas aulas de Arte, os professores enfatizam um “saber construir” reduzido aos seus aspectos técnicos e ao uso de materiais diversificados (sucatas, por exemplo), e um saber exprimir-se, na maioria dos casos caracterizando poucos compromissos com o conhecimento de linguagens artísticas.

## **O COTIDIANO DAS CRIANÇAS E AS AULAS DE ARTES**

A criança desde muito pequena participa de práticas sociais e culturais de sua família, de seu meio, ou seja, do grupo em que vive. É bem devagar que ela vai descobrindo o mundo físico, psicológico, social, estético e cultural que lhe é apresentado pelos adultos e até outras crianças no decorrer da sua vida. A sua formação vai se estruturando a partir das experiências assimiladas em interação com outras pessoas, sendo assim é inserida no ambiente afetivo e cultural que a criança vai desenvolver seu processo de socialização.

Cada objeto, cada elemento de seu cotidiano seria uma nova experiência que o mundo poderia lhe oferecer. A criança começa a perceber desde bem cedo, que os seres e as coisas com que ela convive, se apresenta com semelhanças e diferenciações, com afetividade ou não.

Com relação ao mundo sensível ela poderá ter noção de cores, de materiais, de sons, de melodias, de gestos, de tempos e de espaços. A criança é habituada a gostar dos adultos pelas escolhas formais, táteis, visíveis, sonoras, presentes nas roupas que usamos, nos objetos caseiros, nas canções, etc. Podemos dizer que a própria natureza lhe oferece muitas experiências visuais e sonoras, além de outras que afetam as emoções e pensamentos infantis

Desde pequena a criança começa a conviver com o mundo das máquinas, da industrialização, da tecnologia, do mundo eletrônico, das mídias; ou as vezes, com um simples apertar de um botão. Tudo isso dentro da sua própria casa ou junto a cultura local, onde o mundo exterior se faz presente de diversos modos; como relata Rodari: “Toca ao telefone, ouve-se a voz do papai, gira-se o botão da televisão e a tela se enche de imagens, e para cada imagem devagarinho armazena-se uma palavra, uma informação para decifrar e guardar com a devida prudência, junto das que possui” (1982, p.89).

Vale ressaltar que é na infância, que os conceitos culturais e sociais são construídos pela criança, por exemplo, os de gostar, de beleza, feiura, etc. Ela participa de várias manifestações, senso capaz de reelaborá-las e reconstruí-las em seu imaginário formando ideias e sentimentos sobre as mesmas e expressá-las em ações.

Deve-se estar atendo para a comunicação no ambiente infantil, pois o mundo dos sons, das cores e do movimento marca sua presença e todos com encantos e inquietações. São as imagens e sons que se juntam ampliando o ambiente natural e cultural. No ambiente artístico, existe um processo

de comunicação cultural que tem se encarregado de realizar a divulgação de imagens e sons por vários meios: rádio, disco, cartazes, revistas, exposições, concertos, cinema, vídeos, televisão, computadores que empurram os educadores de hoje a encontrar muitas maneiras de intermediar vários conhecimentos ou representações de mundo, presentes em nossas práticas sociais cotidianas.

Qual seria então, os meios de comunicação que as crianças veem, ouvem e sentem o mundo? E que mundo elas idealizam através da arte, pela influência dos adultos?

Temos que lembrar que a criança já vivencia a arte produzida pelos adultos, presente em seu cotidiano e que ela interage de diversas maneiras.

Cabe destacar que se as recepções infantis às imagens, cenas e sons de seu cotidiano fossem passivas, não existiria a presença desses elementos culturais em suas conversas, brincadeiras, desenhos, músicas, faz-de-conta, nem em seus modos de vestir, de usar os objetos de falar, até mesmo de relacionar com as pessoas. Nos momentos de brincadeiras ou durante os recreios escolares, observa-se que as crianças revivem seus personagens favoritos da televisão, cantam suas músicas preferidas.

Ao integrar a criança com o meio adulto, amplia-se com todos novos meios de comunicação, como a televisão, o videogame, vídeo interativo, disco laser, o DVD, etc.

Sabemos que os programas de televisão são muito apreciados pôr todas as crianças, em especial as propagandas (no qual gostam de repetir as falas dos atores), os desenhos animados, etc. Não será surpresa, se aparecer nos desenhos e jogos infantis a figura dos super-heróis, ou outras figuras contidas em programação destinadas as crianças.

De um modo geral percebe-se que as crianças elaboram e reutilizam as mensagens veiculadas pelas mídias.

Como educadores a nossa competência é incluir e educar a capacidade de julgar, avaliar as atividades e as experiências em todas as linguagens consideradas como meios de comunicação expressão. É muito importante que o educador saiba analisar as imagens, os sons e cenas que compõem o cotidiano das crianças de hoje. E que junto com outros educadores saiba encontrar jeitos de desenvolver com qualidade, a parte que lhe compete na formação educativa, individual e coletiva da infância.

Florence de Mèredieu, docente na área de Artes Plásticas de Paris, desenvolveu um estudo sobre o desenho infantil baseado na influência que o mundo moderno tem sobre a criança e nas concepções que os adultos têm sobre a infância e seus grafismos. São suas palavras:

Quer então estudar as produções infantis fora da gama das influências e pressões adultas só pode levar a uma leitura falseada. Deve-se desconfiar das interpretações unilaterais. Irredutíveis as produções adultas, devendo ser apreendidas no que tem de essencial, as obras infantis não deixam de estar ligadas às primeiras por um elo tão profundo que comanda toda gênese (...).

É preciso, pois, acabar com um certo mito da espontaneidade infantil: dotar a criança de reações inocentes e gratuitas leva a ignorar o papel da imitação na formação e desenvolvimento.

A conduta da criança – tanto no plano gráfico quanto nos outros domínios – comporta clichês, citações, imagens emprestadas. Quem esteve em contato com a criança ou então manipulou uma

grande quantidade de desenhos, sabe bem que nem todos demonstram uma expressão espontânea.

A utilização de estereótipos, a imitação e a cópia são frequentes, e uma das principais dificuldades com os quais se defrontam os métodos de “expressão livre”, está precisamente na ampliação e na profundidade do condicionamento ao qual a criança está submetida (MÈREDIEU, 1974, pp. 3-4; 108-110)

Precisamos então conhecer mais detalhadamente os meios massivos de comunicação social, porque são várias linguagens veiculadas por eles e que podem ser introduzidas nas aulas de artes.

Dentre as linguagens de comunicação social, pode-se sugerir as histórias em quadrinhos, pelo interesse que despertam em crianças, jovens, adultos, e por suas possibilidades interativas e imaginativas.

As histórias em quadrinhos podem ser observadas e analisadas, como uma produção que se encontra muito próximo das crianças e está fortemente sustentada pela indústria cultural.

Vimos que a criança está em constante assimilação de tudo aquilo com que entra em contato com o seu meio ambiente, compete ao professor saber lidar com os fatos em sala de aula, construindo a sua metodologia de trabalho. O que é observado e percebido nos passeios, nos caminhos de ida e volta à escola, nas brincadeiras, nos programas de rádio e televisão, está modificando e enriquecendo as experiências e vivências infantis. A principal tarefa do professor é auxiliar o desenvolvimento dessas observações e percepções das crianças.

Qualquer conceito estético ou artístico pode ser trabalhado a partir do cotidiano tanto da natureza quanto da cultura como um todo. Assim é bastante enriquecedor solicitar que as crianças levem para a escola, por exemplo, elementos que se refiram a um determinado assunto de arte a ser trabalhado. O professor poderá fazer da seguinte forma, havendo interesse em se trabalhar a percepção das formas e dos elementos, o mostrar para os alunos (textura, cores, pode-se colecionar da natureza – flores, folhas gravetos, pedras, etc. – ou materiais produzidos pelo homem – como tecidos, pedaços de papéis, rótulos, embalagens, fotografias, ilustrações, objetos do seu cotidiano, sons, canções e outros) que serão reunidos na classe como material auxiliar para as aulas de artes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com essa pesquisa pretendo ter momentos de reflexão sobre o conteúdo tão extenso que arte nos proporciona, pois sabemos que o conhecimento da mesma não é muito amplo em relação ao ensino escolar. Sabemos que a arte deve ser ensinada desde a infância, pois é neste período que as crianças começam a praticá-la sem mesmo conhecê-la, pois participa de práticas sociais e culturais de seu cotidiano. Para isso o professor deverá começar a ensinar, mostrar e compreender o processo artístico. Hoje já encontramos em várias comunidades do nosso Brasil, ONGs que tem despertado nos nossos jovens o entusiasmo pela arte representada através das músicas, teatros, canto, dança, exposições de artistas famosos, desenhos, a arte, enfim inúmeras representações artísticas.

A LDB estabelece a obrigatoriedade da arte na Educação Básica, a fim de promover o desenvolvimento cultural dos alunos. Mas o que se vê é muitas das vezes professores não preparados. Para a resolução este problema a vários cursos, onde os professores poderão conhecer melhor as representações artísticas ou até mesmo visitar uma biblioteca onde terá livros para pesquisas, a fim de promover uma ótima aula para os estudantes.

Como professores e pedagogos devemos mostrar e ensinar a nossos alunos o verdadeiro significado que a arte tem em nossa cultura. Mostrar também que arte poderá ser inserida ao mundo do trabalho (dentro de cada carreira artística) e até mesmo em outras matérias na escola.

Este trabalho mostra como esse professor poderá se orientar em caso de dúvidas que poderão ocorrer durante suas aulas. Mostrando assim ao aluno que é divertido e prazeroso aprender arte.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mãe. **Arte-Educação: leitura no subsolo**, 2d, São Paulo: Cortez, 1999.

\_\_\_\_\_. **A Imagem no Ensino da Arte**, São Paulo: Perspectiva. 2009.

\_\_\_\_\_. **Teoria e Prática da Educação Artística**. São Paulo, Cultrix, 1975.

CRUZ, Manuela; **Usando as tecnologias como Recursos Educacionais**, Disp. em <http://ucsrecursoseducacionais.blogspot.com.br/2010/12/as-leis-que-regulamentam-inclusão-das.htm>. Acesso em 12 mar. 2026.

LANIEIR, Vicent. **Devolvendo a Arte à Arte-Educação**. São Paulo, 1984

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência. O Futuro do Pensamento na Era da Informática**. Ed. 34, 1993.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo, Cortez, 1991.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo, Cortez, 1990.

MARANHÃO, Diva. **Ensinar brincando: A aprendizagem pode ser uma grande brincadeira**. 2.d. Rio de Janeiro, Wak, 2003.

MARTINS, Alice Fátima; **Novas tecnologias e o ensino de Artes Visuais: algumas considerações**, Disp. em [www.anpap.org.br/anais/2007/2007/artigos/063.pdf](http://www.anpap.org.br/anais/2007/2007/artigos/063.pdf). Acesso em 13/08/2014.

MÈREDIEU, Florence. **O desenho infantil**. São Paulo. Cultrix, 1974.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo, Martins Fontes, 1987.

WAJSKOP, Gisela. **Brincar na Pré-Escola**. 4. Ed, Cortez, 1999.